Sara Rodi
(escritora)

Quando os adolescentes nos destroem a autoestima

Se há algo que a maternidade me trouxe, no meio de tantas alegrias e aprendizagens, foi a consciência de que sou um ser ainda mais imperfeito do que julgava ser. Quando os meus filhos eram pequenos, brincavam com o meu "rabo-gelatina" ou com os "risquinhos" que iam nascendo à volta dos meus olhos. Mas foi quando chegaram à adolescência que começaram a confrontar-me com as minhas verdadeiras fragilidades. Uns glúteos menos definidos ou um rosto cheio de rugas não são nada quando os filhos nos alertam para a nossa incoerência, impulsividade, desorganização, obsessões diversas, negligências variadas... enfim, um rol imenso de novas perceções sobre nós, que muito facilmente nos fazem sentir a pior pessoa do mundo e bradar aos céus (ainda que muito baixinho, para ninguém ouvir): "Mas foi para isto que eu tive filhos?!"

Ter um adolescente empertigado que nos aponta as falhas também nos obriga a melhorar, todos os dias

Os especialistas dizem que faz parte, os adolescentes precisam de medir forças connosco, desencantarem-se em relação àquilo que acharam a vida toda que éramos, e jurarem a pés juntos que nunca serão como nós. E parece que isso passa, ao fim de alguns anos, se não tivermos feito asneiras irremediáveis pelo caminho... O difícil é manter a esperança durante os longos e tortuosos anos que dura a adolescência!

Há dias, desafiei os meus filhos a escreverem numa folha aquilo que estavam dispostos a transformar neles próprios para que houvesse mais harmonia cá em casa. E claro que o meu filho mais velho não demorou a entregar-me uma folha e uma caneta para que eu escrevesse também o que estava disposta a fazer. Ou só eles é que tinham defeitos e perdiam a calma? Soou-me, num primeiro embate, a impertinência, mas acabei por aceitar o desafio e escrever também, numa folha, o que me comprometia a mudar. Os meus filhos demoraram cinco minutos, eu fiquei a remoer-me uma semana inteira! Mas não é que ganhei consciência de uma série de aspetos em que estava errada e ainda inventei novas estratégias para o contornar?

Percebi com esse simples exercício que, se a nossa autoestima for suficientemente forte para aguentar o embate, esta fase dos nossos filhos pode transformar-se numa óptima oportunidade de crescimento para nós, pais. Se ter alguém que nos olha como modelo – o que acontece na infância - nos leva a procurar a melhor versão de nós mesmos, ter alguém que nos aponta constantemente as nossas falhas – um adolescente empertigado - também nos obriga a melhorar, todos os dias. Ou, pelo menos, a aceitarmo-nos naquilo que já percebemos que não vamos conseguir mudar..

E dei por mim a pensar também nos professores. Enquanto os meus filhos mais novos são fascinados pela professora do 1º ciclo – o seu maior modelo e referência, a par dos pais – os meus filhos mais velhos, no final da primeira semana de aulas, já tinham identificado os principais defeitos e fragilidades de cada um dos seus professores. Sempre assim foi, na verdade, em qualquer tempo. A diferença é que dantes nenhum jovem se atrevia a dizê-lo (quem nunca pensou mal de um professor do liceu?), e hoje há um maior à-vontade para se criticar abertamente. Também hoje os pais criticam mais os professores e os professores criticam mais os pais. Será mau?

Depende da pertinência da crítica e da forma (bem educada ou não) como é dita. E depende da capacidade de encaixe de quem a ouve. Será sempre, em todo o caso, uma oportunidade de mudança... o